
A PRODUÇÃO SIMULTÂNEA DE MASCULINIDADES HEGEMÔNICAS E SUBALTERNAS*

Michael S. Kimmel

Department of Sociology, SUNY at Stony Brook – Estados Unidos

Resumo: *Meu ponto de partida é o argumento de Andre Gunder Frank, que, em seus estudos clássicos sobre América Latina, apontou que o desenvolvimento e o subdesenvolvimento não eram estágios pelos quais todos os países passavam, mas que havia uma relação entre o desenvolvimento e o subdesenvolvimento, em que o desenvolvimento de alguns países implicava o subdesenvolvimento deliberado e específico de outros. Neste sentido, a criação da metrópole implicava simultaneamente a criação da periferia. Assim como no caso do desenvolvimento econômico, este processo ocorre também com gênero, no que diz respeito à construção histórica dos significados de masculinidade. À medida que o ideal hegemônico de masculinidade se estabelece, este é criado por oposição a um feixe de “outros”, cuja masculinidade foi problematizada e desvalorizada. O hegemônico e o subalterno emergem em mútua e desigual interação, em uma ordem social e econômica com uma demarcação prévia distorcida de gênero (gendered). Neste trabalho, localizo a emergência histórica da versão hegemônica de masculinidade nos Estados Unidos e na Europa Ocidental, do século XVIII até o presente. Descrevo as formas pelas quais o “self-made-man” superou e desacreditou outras versões de masculinidade – a de homens negros, imigrantes, homossexuais, velhos, homens de classe alta, homens de classe trabalhadora –, bem como a mulher, na medida em que este se transformava na forma dominante de sucesso com um bias de gênero na arena pública. Descrevo a versão hegemônica de*

* Trabalho traduzido por Andréa Fachel Leal. Este trabalho foi originalmente apresentado no Seminário Masculinidades y Equidad de Genero en América Latina, FLACSO, Santiago, Chile, Junho de 1998. Uma versão em espanhol deste texto será publicada no livro com o mesmo título, organizado por Teresa Valdes e com o suporte de FLACSO e UNFPA, Santiago, Chile, 1998.

masculinidade – o capitalista globalizado que, em cada país, assiste CNN em hotéis de luxo, fala por telefone celular, usa gravatas poderosas e faz refeições com o poder – como um descendente direto do comerciante do século XVIII.

Abstract: *I take the argument of Andre Gunder Frank in his classic studies on Latin America, that economic development and underdevelopment were not simply stages through which all countries pass. Rather, he argued, there was a relationship between development and underdevelopment, that, in fact, the development of some countries implied the specific and deliberate underdevelopment of others. The creation of the metropole was simultaneous and coordinated with the creation of the periphery. As with economic development, so too with gender; with the historical constructions of the meanings of masculinity. As the hegemonic ideal was being created, it was created against a screen of “others” whose masculinity was thus problematized and devalued. Hegemonic and subaltern emerged in mutual, but unequal interaction in a gendered social and economic order. In this paper, I trace the historical emergence of the hegemonic version of masculinity in the United States and Western Europe from the 18th century to the present. I describe the ways in which the “self-made man” displaced and discredited other versions of masculinity – of men of color, immigrants, gay men, older men, upper class men, working class men – as well as women as it became the dominant form of gendered success in the public arena. I then describe the contemporary version of hegemonic masculinity – the global capitalist, watching CNN in luxury hotels in every country, talking on his cell phone, wearing power ties and eating power lunches – as the direct descendent of the 18th century merchant.*

O título deste artigo é inspirado no trabalho de Andre Gunder Frank, que argumentou, em seus estudos clássicos sobre a América Latina, que o desenvolvimento e o subdesenvolvimento econômico não eram simplesmente estágios pelos quais todos os países passam, não havendo um *continuum* único com relação ao qual as nações individuais poderiam ser posicionadas. Ele disse que, ao contrário, havia uma relação entre o desenvolvimento e o subdesenvolvimento, em que, na realidade, o desenvolvimento de alguns países implicava o subdesenvolvimento deliberado e específico de outros. A criação da metrópole foi simultânea a e engrenada com a criação da periferia.

Até mesmo os termos “desenvolvimento” e “subdesenvolvimento” nunca foram muito precisos, dado este processo de emergência mútua e simultânea. Talvez fosse melhor se tivéssemos falado de “superdesenvolvimento” ou “desenvolvimento-demasiado” e de “subdesenvolvimento”, para melhor expressar os processos distorcidos e desfigurados de uma forma de desenvolvimento que depende do subdesenvolvimento.

Observamos com relação ao gênero o mesmo que com o desenvolvimento econômico, com relação às construções históricas dos significados de masculinidade. Enquanto o ideal hegemônico estava sendo criado, ele foi criado em um contexto de oposição a “outros” cuja masculinidade era assim problematizada e desvalorizada. O hegemônico e o subalterno surgiram em uma interação mútua mas desigual em uma ordem social e econômica dividida em gêneros.

Para ser breve, eu irei pressupor um conjunto comum de suposições teóricas. Em primeiro lugar, pressuponho que entendemos que as masculinidades são socialmente construídas, e não uma propriedade de algum tipo de essência eterna, nem mítica, tampouco biológica. Pressuponho que masculinidades (1) variam de cultura a cultura, (2) variam em qualquer cultura no transcorrer de um certo período de tempo, (3) variam em qualquer cultura através de um conjunto de outras variáveis, outros lugares potenciais de identidade e (4) variam no decorrer da vida de qualquer homem individual.

Em segundo lugar, entendo que as masculinidades são construídas simultaneamente em dois campos inter-relacionados de relações de poder – nas relações de homens com mulheres (desigualdade de gênero) e nas relações dos homens com outros homens (desigualdades baseadas em raça, etnicidade, sexualidade, idade, etc.). Assim, dois dos elementos constitutivos na construção social de masculinidades são o sexismo e a homofobia.

Em terceiro lugar, pressuponho aqui uma questão que tratei substancialmente em outros trabalhos; a saber, que a masculinidade como uma construção imersa em relações de poder é frequentemente algo invisível aos homens cuja ordem de gênero é mais privilegiada com relação àqueles que são menos privilegiados por ela e aos quais isto é mais visível. Como dizem os chineses, os peixes são os últimos a descobrir o oceano. Esta questão da invisibilidade é ela mesma uma questão política: os processos que conferem o privilégio a um grupo e não a outro grupo são frequentemente invisíveis àqueles que são, deste modo, privilegiados. A invisibilidade é um privilégio em dois

sentidos – tanto descrevendo as relações de poder que são mantidas pela própria dinâmica da invisibilidade, quanto no sentido de privilégio como um luxo. É um luxo que somente pessoas brancas em nossa sociedade não pensem sobre raça a cada minuto de suas vidas. É um luxo que somente homens em nossa sociedade façam de conta que o gênero não importa.

Explorar as relações entre as definições hegemônica e subalterna de masculinidade, requer, então, que nós partamos destas pressuposições. Especificamente no caso norte-americano, por exemplo, entendemos que, em meio a qualquer sociedade, em qualquer momento, há múltiplos sentidos de o que ser homem significa. Para colocar isto de forma simples, nem todos os homens norte-americanos são iguais. Nossas experiências dependem da classe, raça, etnicidade, idade, região do país. Cada um desses eixos modifica os outros. Por exemplo, o que significa ser um homem mais velho, negro e gay em Cleveland provavelmente é muito diferente do que significa ser um jovem fazendeiro, branco e heterossexual em Iowa.

Assim, os significados de masculinidade variam de cultura a cultura, variam em diferentes períodos históricos, variam entre homens em meio a uma só cultura e variam no curso de uma vida. Isto significa que não podemos falar de masculinidade como se fosse uma essência constante e universal, mas sim como um conjunto de significados e comportamentos fluidos e em constante mudança. Neste sentido, devemos falar de masculinidades, reconhecendo as diferentes definições de hombridade que construímos. Ao usar o termo no plural, nós reconhecemos que masculinidade significa diferentes coisas para diferentes grupos de homens em diferentes momentos.

Ao mesmo tempo, contudo, não podemos nos esquecer que nem todas as masculinidades são criadas igualmente. Todos os homens norte-americanos devem também afirmar uma única visão de masculinidade, uma definição particular que é sustentada como o modelo a partir do qual todos nós nos medimos. Viemos a saber o que significa ser um homem na nossa cultura, assim, ao opormos as nossas definições a um conjunto de “outros” – minorias raciais, minorias sexuais e, sobretudo, mulheres. Como o sociólogo Erving Goffman (1963, p. 128) escreveu,

Há apenas um homem completo e sem rubores na América do Norte: um jovem, casado, branco, urbano, do norte, heterossexual, protestante, pai, com educação

superior, bem empregado, bem apessoado, de bom peso e boa estatura, e com algum recorde esportivo recente... Qualquer homem que não se qualifica em alguma dessas categorias provavelmente irá ter uma imagem de si mesmo – pelo menos durante alguns momentos – como sem valor, incompleto e inferior.

Em meu livro recente, *Manhood in America* (Kimmel, 1996), investigo os modos com que esta visão de masculinidade foi expressa e contestada em mais de dois séculos da história dos Estados Unidos. Entretanto, aqui eu gostaria de sugerir os modos com que a versão hegemônica norte-americana de masculinidade foi articulada com a versão mais global que estava surgindo simultaneamente na Europa, e, por extensão, no resto do mundo.

Para iniciar este questionamento acerca da construção do ideal hegemônico de masculinidade, conclamo o suporte de algumas citações lapidares. Acredito que as afirmações clássicas da teoria social e política do século XIX e do início do século XX foram um esforço de compreensão justamente desta emergente definição hegemônica de masculinidade.

No *Discurso sobre a Origem da Desigualdade*, Jean-Jacques Rousseau escreve:

O homem selvagem está imerso na paz e na liberdade; ele só quer viver e permanecer à toa... O homem civilizado, ao contrário, está sempre ativo e inquieto, sempre suando e se atormentando para encontrar ocupações ainda mais laboriosas.

E Marx e Engels escreveram, em uma passagem clássica do *Manifesto Comunista* (1848):

A burguesia não pode existir sem estar constantemente revolucionando os instrumentos de produção, e portanto as relações de produção, e com elas todas as relações da sociedade. A preservação de velhos modos de produção em uma forma inalterada era, ao contrário, a primeira condição para a existência de todas as classes industriais anteriores. A revolução constante da produção, a mudança ininterrupta de todas as condições sociais, a incerteza e a agitação sempre duradouras distinguem a época da burguesia de todas as épocas anteriores. Todas as relações fixas e estáticas, com o seu conjunto de prejuízos antigos e veneráveis e suas opiniões são varridos para longe, todos os recém formados tornam-se

antiquados antes mesmo que possam se solidificar. Tudo que é sólido se desmancha no ar, tudo que é sagrado torna-se profano, e o homem finalmente é compelido a encarar, com seus sentidos já sóbrios, as suas condições reais de vida, e a sua relação com seus pares.

E Tocqueville diz, em *A Democracia na América* (1835):

Um homem norte-americano construirá uma casa para viver a sua velhice nela, mas a venderá antes mesmo que o telhado seja colocado. Ele plantará um jardim e depois o alugará assim que as suas árvores começarem a crescer; limpará um campo e o deixará para os outros plantar e fazer a colheita; escolherá uma profissão para em seguida abandoná-la, se estabelecerá em um lugar e logo depois irá a qualquer outra parte com seus desejos cambiantes...

Este espetáculo de tantos homens afortunados inquietos em meio à abundância parece ser, à primeira vista, algo surpreendente. Entretanto, este é um espetáculo tão antigo quanto o próprio mundo; o que há de novo nisto é ver um povo inteiro fazendo isto.

E aqui temos Max Weber, descrevendo a psicologia social do capitalismo na *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (1904):

Onde a satisfação da vocação não pode ser diretamente relacionada aos valores culturais e espirituais mais elevados, ou quando, por outro lado, ela não precisa ser sentida apenas como compulsão econômica, o indivíduo, em geral, abandona a tentativa de justificá-la. Em seu campo de maior desenvolvimento, os Estados Unidos, a busca de riqueza, despida do seu significado religioso e ético, tende a ser associada com paixões puramente mundanas, o que frequentemente acaba por lhe dar o caráter de um esporte.

Finalmente, vemos Freud, discursando sobre a ansiedade crônica e assustadora do ego autônomo (em seu ensaio de 1933, "A Dissecção da Personalidade Psíquica", nas *Novas Palestras Introdutórias em Psicanálise*):

Somos bem avisados por um provérbio que nos diz que não devemos servir a dois mestres ao mesmo tempo. O pobre ego tem coisas ainda piores: ele serve a três mestres severos e faz tudo o que pode para harmonizar e satisfazer os seus

pedidos uns com os outros. Estes pedidos são sempre divergentes e frequentemente, incompatíveis. Não é à toa que o ego falha tão seguidamente em sua tarefa. Os seus três mestres tirânicos são o mundo externo, o superego e o id... ele sente-se acuado por três lados, ameaçado por três tipos de perigo, aos quais, se ele é realmente muito acuado, ele reage gerando ansiedade... Assim o ego, movido pelo id, confinado pelo superego, rechaçado pela realidade, luta para dominar a sua tarefa econômica de harmonizar as forças e influências que estão atuando nele e sobre ele; e somos capazes de compreender como é que frequentemente não contemos um grito: “A vida não é fácil!”

Para aqueles iniciados nas Ciências Sociais há cerca de 30 anos, estou certo que todas estas citações foram tomadas como descrições da burguesia sob o capitalismo, da personalidade democrática individual, do destino da ética do trabalho protestante sob o espírito da racionalização do capitalismo, ou da tarefa árdua do ego autônomo no desenvolvimento psicológico. Alguém mencionou, alguma vez, que estes teóricos estavam, em cada um destes casos, descrevendo homens? E não simplesmente o “homem” no falso sentido genérico, mas um tipo particular de masculinidade, uma definição de hombridade que é derivada da sua identidade por participar do mercado, da sua interação com outros homens naquele mercado, em suma, um modelo de masculinidade baseado na competição homosocial.

É evidente que este modelo não surgiu do nada, mas sim a partir de circunstâncias históricas dadas. Algumas destas circunstâncias concretizaram-se apenas nos Estados Unidos, e outras foram comuns à Europa e às Américas. Deixe-me descrever quais foram os modelos de masculinidade que este modelo desbancou.

No final do século XVIII, dois modelos de masculinidade coexistiam nos Estados Unidos. Estes são bem familiares a todos nós, porque uma versão deles também existiu na Europa e são os fundamentos das identidades básicas de gênero das lutas políticas dos séculos XVII e XVIII. O primeiro destes modelos é o que eu chamo de Patriarca Gentil, aquele que derivou sua identidade da posse da terra. Ao supervisionar suas propriedades rurais, ele era refinado, cordial, elegante e dado a uma certa sensualidade. Ele era um pai dotado e devotado, que passava muito do seu tempo com a sua família e cuidando seus domínios. Nos Estados Unidos, imagine o George Washington ou o Thomas Jefferson. Na Europa, pense na aristocracia rural da Inglaterra do século XVII.



Figura 1. O Artesão Heróico é o ideal mítico do operário honesto, cuja virtude vem da sua dedicação à indústria. Este mito durou várias décadas, desaparecendo apenas recentemente. (Ilustração de Tomas Nast, publicada originalmente em 1882 – cf. Kimmel, 1996).

Em contraste, o Artesão Heróico incorporava a força física e a virtude republicana do fazendeiro *yeoman*, o artesão urbano independente, o dono de pequeno negócio. Também um pai devoto, o Artesão Heróico ensinava ao seu filho a sua arte, elevando-o ao *status* de mestre artesão através de uma iniciação ritual como aprendiz. Ele pendurava uma placa em sua loja onde se lia “Smith & Sons”. Nos Estados Unidos, pense em Paul Revere na sua oficina

de ferreiro, mangas arregaçadas e avental de couro. Na Europa, eles são os Levellers, os sans-culottes. No Oriente Médio, os donos de bazares; naquela parte do mundo que é historicamente considerada subdesenvolvida, eles são os donos de pequenas lojas no mercado central, o fazendeiro independente, o artesão bem sucedido.

Estes dois modelos de masculinidade nos Estados Unidos viveram um acordo relativamente pacífico, em parte porque um raramente entrava em contato com o outro. Na primeira parte do século XIX, no entanto, uma nova versão de masculinidade emergiu, a do *Self-Made Man*. A sua masculinidade deveria ser demonstrada e provada no mercado. Ele era um empresário urbano, um homem de negócios, um *homme d'affaires*. Em 1832, o senador norte-americano Henry Clay afirmou “nós somos uma nação de Self-Made Men”, ao descrever a contribuição da América ao estoque mundial de arquétipos masculinos, no mesmo ano em que Tocqueville escreveu pela primeira vez sobre como nós éramos “insatisfeitos em meio à abundância”.

Estes *Self-Made Men* eram ausentes dos lares, cada vez mais distantes dos seus filhos, devotados ao seu trabalho em um ambiente de trabalho homossocial. Esta era uma masculinidade cada vez mais ansiosa, pois requeria demonstração e prova constantes, sendo a aquisição palpável de bens uma evidência de seu sucesso. Essa ansiedade foi incitada ainda mais pela ideologia de mobilidade ascendente – se na América, alguém podia subir tão alto quanto as suas próprias habilidades, motivações e desejos o levassem, então se podia também cair, sem qualquer rede de segurança e sem ter a quem culpar pelas suas falhas senão a si mesmo.

Tal definição de masculinidade era inerentemente instável, exigindo comprovação constante, incluía sempre o risco de falhar. A masculinidade deve ser provada, e assim que ela é provada, ela é novamente questionada e deve ser provada ainda mais uma vez; a busca por uma prova constante, durável, inatingível, torna-se em última instância uma busca tão sem sentido, que ela assume as características, como disse Weber, de um esporte. Como se ironizava nos anos do governo Reagan, “aquele que tem o maior número de brinquedos, quando morre, é quem ganha”.¹ Os *Self-Made Men* – os homens

¹ “He who has the most toys when he dies wins” no original (N. de T.).

que se fizeram – podiam desfazer-se a si mesmos e serem desfeitos enquanto homens.

Ademais, se a masculinidade exigia uma demonstração constante, como é que tal demonstração seria feita, como seria demonstrada a aquisição bem sucedida da masculinidade? Isto é, como é que a masculinidade hegemônica chegou à sua hegemonia?

Em minha pesquisa histórica sobre a construção da masculinidade norte-americana, encontrei três padrões básicos de provas ou demonstrações.

Primeiro, a masculinidade poderia ser demonstrada através do autocontrole, fazendo com que o corpo se tornasse um instrumento e uma expressão da dominação. Desde os higienistas do século XIX que aconselhavam os homens sobre a abstinência sexual, até os esportes da virada do século, e até a mania contemporânea de *body-building*, os homens que pareciam fortes e duros podiam tentar e aliviar a angústia de que, de fato, eles estavam para serem desmascarados como fracos e suaves.

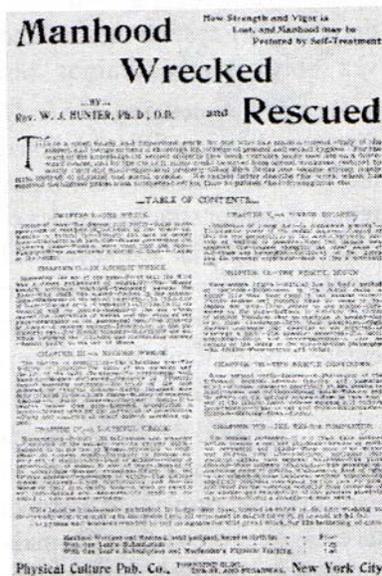


Figura 2. "Masculinidade Arruinada e Resgatada" (propaganda na revista *Physical Culture*, v. 3,1900).

Em segundo lugar, a masculinidade podia ser demonstrada através de uma fuga para as florestas, para o exército, para o mar, onde os homens poderiam provar a sua masculinidade contra a natureza e para outros homens, longe das influências feminilizantes da civilização. Aqueles que são da América Latina, Austrália e outros postos longínquos de um Império podem de fato mapear os discursos *gendered* dos colonizadores. A expansão da América para o Oeste é, em um certo sentido, a história de perdedores – aqueles que falharam na Philadelphia mudaram-se para Saint Louis; aqueles que falharam em Saint Louis, para Denver; e aqueles que falharam em Denver, para a Califórnia. A literatura norte-americana também é retoricamente dominada por homens que fugiram em direção à natureza, frequentemente com um homem mais velho de cor, para aprender a ser um homem.

Desde Natty Bumppo e Chingachgook, Ishmael e Queequeg, o Zorro e Tonto, até Dança com os Lobos; de Rip van Winckle a Robert Bly, quando as coisas ficam muito duras, os duros fogem para longe. Os homens norte-americanos eram, como Bruce Springsteen disse, “born to run”.

Contudo, a principal maneira pela qual os homens buscavam demonstrar a sua aquisição bem sucedida de masculinidade era através da desvalorização de outras formas de masculinidade, posicionando o hegemônico por oposição ao subalterno, na criação do outro.

Em primeiro lugar, o *Self-Made Man* tinha que desmontar duas definições anteriores de masculinidade, o Patriarca Gentil e o Artesão Heróico. O Patriarca Gentil foi redefinido como um pavão europeu afetado, uma “bichinha” do século XIX. “O verdadeiro homem americano era vigoroso, másculo e direto, não era afetado e corrupto como os europeus”, escreve um historiador. “Ele era simples ao invés de ornamentado, buscava dificuldades e aventuras, ao invés do luxo, um homem comum amante da liberdade ou um cavalheiro natural, ao invés do opressor aristocrata”. E o Artesão Heróico tornou-se, no decorrer do século XIX, o trabalhador comum, a mão-de-obra, uma peça da máquina. Foi-se a sua autonomia e o orgulho de habilidade manual; agora ele era dependente, indefeso e quase não era mais um homem.

Na metade do século XIX, juntaram-se ao trabalhador uma série de “outros” cuja masculinidade era também percebida como problema. Ou bem era-se muito másculo – isto é, sexualmente voraz, bestialmente violento, incapaz de controlar desejos carnis -, ou então não se era “masculino o suficiente”, ou seja, indefeso, dependente, passivo, feminilizado.

Ironicamente, estes “outros” foram tornados “outros” pela declaração de que ambas afirmações eram verdadeiras simultaneamente. Os escravos negros eram vistos como homens dependentes e indefesos, incapazes de defender as suas próprias mulheres e crianças, incapazes de sustentar uma família e completamente “escravos” de seus próprios desejos carniais e da violência bestial. Os indígenas norte-americanos eram igualmente bobos e ingênuos, as “Crianças Vermelhas” inocentes da nação, e também eram vistos como selvagens sedentos de sangue.

Yes! I Turn Weaklings into HE-MEN!

Let Me Make YOU a NEW MAN in Just 15 Minutes a Day

YES, Sir, that's my job! I'm "RE-BUILD" "Wimps, run-down weaklings"—follows no more—battered by their second-rate physical condition that they always hang back, let others make off with the best jobs, the prettiest girls, the sweetest fun and popularity. I turn weaklings like these into HE-MEN—REAL SPECIMENS OF HANDSOME, MUSCULAR MANHOOD—overflowing with pep, power, virility! I'll PROVE that in only 15 minutes a day I can make YOU a NEW MAN too!

I'll Prove What I Say

I know what it's like to have a body that's limp as I myself was once a "wimp" weakling—tired, ill-spirited, reluctant to step for years as a "wimp." Then, I discovered "Erasmo's Exercise." I changed me from a "wimp" weakling into the winner of the race. **THE WORLD'S MOST PERFECTLY DEVELOPED MAN!** Now let me "Erasmo's Exercise" do the wonderful thing that other "wimp" promoters can't do. *John C. Scarpone*

What I'll Do For YOU!

When do YOU want solid, manly **TRUE MUSCLES?** Are you fat? Heavy? Or skinny and weak? Are you short-necked, rickety, always tired? It's time you a strong, powerful, and regular income. Add muscle to your bones. Put a coat of muscle on your body and strength. Change those legs that are "always tired" into muscles that give you the power to stand and march. You'll begin to know what it feels like to really LIVE!

SEND FOR FREE BOOK

Five copies right now. I'll send you a FREE COPY of my famous illustrated book, "Erasmo's Exercise" and strength to it. I talk to you in simple, down-to-earth, plain, straightforward, and easy-to-understand language of words and plain English. You'll be glad to see your "Erasmo's Exercise" book. You'll read the story of "Erasmo's Exercise" when it has done for others, what it can do for you. It's yours for only 15 minutes. It's free. It's yours. So YOU! Send for this book today!

CHARLES ATLAS, Dept. 147-E, 1, Dean Street, London W.1.

Name _____
 Address _____
 AT ONCE

Figura 3. Músculos Continuam a Fazer o Homem: força física, significativa no mundo real, tem também profunda importância simbólica na construção do Self-Made Man (Kimmel, 1996).

Na virada do século, novos imigrantes europeus também foram somados à lista de outros subalternos. Os irlandeses afirmaram a sua reivindicação de masculinidade tornando-se “brancos” – estes que há muito eram vistos como não sendo de uma raça pura na Bretanha – os irlandeses assumiram um racismo cáustico enquanto comandavam uma reivindicação da classe trabalhadora contra o “salário escravo”. Os italianos também eram vistos como passionais demais e voláteis para possuírem realmente o autocontrole masculino. Os judeus eram demasiadamente almofadinhas, intelectualizados e miúdos para serem homens. Hoje em dia, os asiáticos é que são também vistos como pequenos demais, demasiadamente gentis, moles, sem pêlos e afeminados, ao mesmo tempo que são monstros selvagens, torturadores bárbaros e cruéis, despreocupados com a vida humana, como vimos na propaganda racista durante as guerras dos Estados Unidos contra o Japão, Coréia e Vietnã.



Figura 4. Expandindo a definição de masculinidade contemporânea: a era contemporânea testemunhou um desafio constante à masculinidade baseada na exclusão do outro – mulher, homem gay, homem negro, imigrantes. Foto: Trabalhadores em manifestação pelos Direitos Civis proclamam sua masculinidade, Memphis, EUA, 29 de março de 1968 (Kimmel, 1996).

E, é claro, além disso, que desde a virada do século até hoje em dia, são as mulheres e os homens gays que têm servido como as visões clássicas da identidade de gênero subalterna. As mulheres e os homens gays são os outros clássicos, o pano de fundo contra o qual os homens brancos heterossexuais projetam as suas ansiedades de gênero e é sobre a emasculação destes que os *self-made men* constroem definições hegemônicas. As mulheres emasculam os homens representando o lar, a vida doméstica, a obrigação familiar, assim como uma carnalidade insaciável. Os homens gays são bichinhas passivas e efeminadas assim como são sexualmente insaciáveis e predatórios.

Neste breve artigo, tentei mapear os modos pelos quais acredito que a definição hegemônica de masculinidade foi construída de maneira relacional, e constituindo-se em um campo de poder, nos Estados Unidos. Precisamente, transformando outros em *os outros*, como um modo de limpar o espaço discursivo e prático em que homens angustiados pudessem demonstrar e provar a sua masculinidade. Eu creio que não preciso explicar a maior parte disto àqueles que cresceram em culturas cujas trajetórias econômica e social foram distorcidas por estes mesmos homens, assim como por suas distorcidas definições de identidade de gênero, que ao buscar conferir masculinidade a si mesmos; tornaram outras versões do que ser homem significa duvidosas e desprezíveis.

Entretanto, a masculinidade hegemônica é invisível àqueles que tentam obtê-la como um ideal de gênero, ela é especialmente visível precisamente àqueles que são mais afetados pela sua violência. Aqui as palavras de mais um clássico canônico, de Georg Simmel em *A Filosofia da Cultura* (1911):

A posição de poder dos homens não apenas assegura sua relativa superioridade sobre a mulher, mas assegura um padrão e este padrão torna-se generalizado como o padrão genericamente humano que deve governar igualmente o comportamento de homens e de mulheres. Se alguém percebe grosseiramente as relações entre os sexos como a relação entre senhor e escravos, então se dará conta que é privilégio dos senhores não ter que pensar continuamente sobre o fato de que são senhores. Ao contrário, a posição do escravo é tal que nunca o deixa esquecer isto. Não há dúvida nenhuma de que a mulher muito mais raramente perde o sentido do que ser mulher significa do que o homem a respeito do que é ser homem. Muito frequentemente parece que os homens pensam em

termos de categorias puramente fatuais sem que o significado de masculinidade entre em jogo; em contraste, parece que a mulher nunca perde sentido disto, seja isto claramente sentido ou esteja apenas subjacente ao fato que elas são, de fato, mulheres.

Há três décadas, Andre Gunder Frank apontou nas culturas do sul econômico uma visão libertária da transformação social e econômica. Se hoje nós estamos buscando uma visão transformadora da masculinidade hegemônica contemporânea – a do executivo internacional tipo CNN, com telefone celular, computador laptop, assento na classe executiva, um homem “em casa” em qualquer grande cidade do mundo – não precisamos olhar além dos grupos que têm sido excluídos deste mundo – mulheres, homossexuais, homens de cor, homens velhos. Quando os subalternos falam é com a clareza que somente a visibilidade tem.

Referências

GOFFMAN, E. *Stigma*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1963.

KIMMEL, M. *Manhood in America: a cultural history*. New York: The Free Press, 1996.